

O USO DE LENDAS URBANAS: UMA PROPOSTA DE LEITURA

Fernanda Aquino Sylvestre
Universidade Federal de Campina Grande

Tudo que é desconhecido, não compreendido, desperta fascínio, vontade de se explicar. O sobrenatural, nessa perspectiva, seria suscitador de curiosidade e atração. Na literatura, o sobrenatural está constantemente presente e uma de suas formas de manifestação são as lendas urbanas. Pensando no exposto acima, pretende-se abordá-las, no contexto escolar, como fonte de interesse e leitura para os adolescentes. Para tanto, servirão como leitura as obras literárias “Lendas Urbanas”, de Jorge Tadeu e “A loira do banheiro e outras histórias”, de Heloísa Prieto.

Como lendas urbanas, entende-se aquelas histórias que nascem na literatura oral e vão sendo transmitidas de geração para geração, com variações, dependendo da região em que são contadas. São narrativas essencialmente de cunho insólito, já que traduzem um universo ligado ao medo, ao terror, ao sobrenatural, ao desconhecido. Acredita-se que, justamente por possuírem esse viés centrado no fantástico, elas suscitariam a curiosidade dos alunos de ensino fundamental e médio. Contemporaneamente, assistimos a um *boom* da literatura de caráter insólito e a uma valorização da mesma, que por muito tempo ficou relegada a segundo plano, vista como uma literatura menor. Muitas obras pertencentes ao âmbito do fantástico, como a coleção “Harry Potter” e a saga “Crepúsculo”, foram publicados e posteriormente transformados em filme, despertando a curiosidade dos jovens para o sobrenatural. Obviamente, obras como as de J.K. Rowling e Stephenie Meyer trazem um novo paradigma do fantástico, em que vampiros e bruxos podem ser belos e bons, chegando até a se casarem com humanos. O que se mantém, se compararmos essas obras contemporâneas com as que originaram a literatura fantástica, é a presença do duplo, evidenciada principalmente na dicotomia bem e mal e na hesitação entre o real e o insólito.

Como lembra Held (1980, p.30), o interesse pela narrativa de cunho fantástico reside no fato de ela nos ensinar algo “sobre a vida dos povos e dos seres, reunindo, assim, nossas preocupações e nossos problemas”. As lendas urbanas tratam de elementos cotidianos que suscitam nossas angústias e medos, tratam, ainda, de manifestações sobrenaturais que resgatam a cultura local, por isso os jovens, e por que não dizer os adultos, são tão atraídos por ela.

As lendas urbanas, como muitas narrativas de viés insólito, centram-se na hesitação, no paradoxo, na tensão entre o real e o sobrenatural, sendo portanto suscetível a diversas leituras, o que corrobora para o desenvolvimento dos leitores juvenis no que tange ao

desenvolvimento da imaginação, da criação, do questionamento entre o possível e o impossível, o plausível e o fantástico.

Diante do exposto, acredita-se que as lendas urbanas possam ser um rico material para se trabalhar em sala de aula. Por meio de narrativas do gênero, o leitor pode ampliar seu universo de leitura, entrando em contato com outras obras que lidam com o fantástico, obras não canônicas, como as lendas urbanas; e canônicas, como “Frankstein”, “Drácula”, os contos de Edgar Allan Poe, Hawthorne, Ambrose Bierce, Lovecraft, Victor Giudice, Maupassant, entre outros tantos autores.

É importante ressaltar que a escola é um espaço essencial para os alunos conhecerem gêneros variados da literatura e que o professor deve funcionar como mediador no processo de leitura. Como leitor supostamente mais experiente que seus alunos, o educador deve selecionar obras literárias que façam parte do contexto dos mesmos e que possam acrescentar a eles experiências efetivas de leitura. A escolha das leituras não é um processo simples e nem único para garantir o sucesso do trabalho com a literatura. Quando se propõe neste artigo o uso de lendas urbanas na sala de aula, pensa-se nesse tipo de leitura como motivadora de busca por outras obras do gênero ou não e como meio de reflexão sobre o mundo real e o mundo insólito, sobre os medos que nos atormentam e sobre as crenças das diversas regiões do país. Prieto (2008) e Tadeu (2010) retratam em suas obras o sobrenatural e o terror representados de maneiras variadas e em locais e épocas diferentes, o que possibilita abordar esses dois elementos como representantes não apenas de uma região específica, mas de um contexto maior, permitindo não só que o aluno entre em contato com a cultura local, mas também com a de outras regiões do país e do mundo.

Nesse sentido, a ideia central da proposta deste artigo é que o professor inicie seu trabalho de leitura escolhendo uma lenda urbana relacionada mais diretamente ao contexto histórico-cultural dos alunos para, posteriormente, trabalhar outras que lidem com aspectos de regiões diversas do país e do mundo. O medo e o sobrenatural são parte de toda cultura, mas a forma como eles se manifestam em cada local é diferente. Não faz sentido, no Brasil, ter-se medo da guerra, já que ela não faz parte da realidade brasileira, mas é importante saber que esse violento acontecimento é motivo de dor e desespero para muitos países. Por isso, é relevante que a escola promova o contato dos alunos tanto com a literatura local, quanto com a que trata de costumes de outros lugares. A opção de se começar o estudo pelo que está próximo dos alunos faz com que eles se sintam mais à vontade para falar sobre o contexto que já estão familiarizados, antes de incorporar novos contextos. Como bem coloca Cosson (2009, p.17),

Na leitura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura podemos ser outros, podemos viver com os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos.

Em “A loira do banheiro e outras histórias”, Prieto (2008) traz lendas que fazem parte de nosso tempo, como *A loira do banheiro, Dia de boto e Vovó Maria*; lendas do passado como *Sekemet, a leoa* e narrativas que retratam o terror, como *11 de setembro* (abordando o fatídico atentado ocorrido nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001). Tadeu, em seus dois livros *Lendas urbanas* e *Lendas urbanas 2*, publicados respectivamente em 2010 e 2012, reúne lendas urbanas, como *A loira do banheiro, O roubo do rim, O homem do saco, A flor do cemitério, A boneca enfeitada, A fada dos dentes*, entre outras.

A partir das obras acima elencadas, propõe-se um projeto de trabalho em sala de aula, seguindo algumas ideias de Cosson (2009) acerca do que o teórico denomina como sequência didática, a saber: motivação, introdução da obra, leitura do texto, interpretação e expansão.

Sugere-se que, primeiramente, seja realizada a etapa de motivação. Nessa fase, o professor deverá perguntar aos alunos se sentem medo e quais são eles. Em seguida, o educador explorará, mais especificamente, o tema “medo do sobrenatural”, que provavelmente será um dos medos elencados pelos alunos. Entende-se, aqui, como sobrenatural, as manifestações que possuem relações estritas com o insólito, com aquilo que não pode ser explicado, que se opõe ao natural, como fantasmas, bruxas, maldições, monstros, mortes inexplicadas, raptos estranhos, entre outros elementos que compõe o mundo “fantástico”.

É importante ressaltar que nem todas as lendas urbanas possuem caráter insólito, mas que todas evocam o pavor de alguma forma. A lenda do roubo do rim, por exemplo, aborda a possibilidade de que pessoas desaparecidas e não encontradas tenham sido mortas a fim de fornecerem órgãos para transplante, no caso, rins. Tratar-se-á, na proposta aqui apresentada, apenas as lendas urbanas que, além de evocarem o medo, lidam com o insólito.

O medo do sobrenatural deve ser explorado por meio de um debate oral, em sala de aula, acerca do assunto. O professor deve dar início às discussões, depois que os alunos elencarem seus medos. O aluno deve ser instigado a relatar, oralmente, filmes, textos e situações em que o medo do inexplicado prevalece. Muitas histórias devem surgir, pois em geral todas as pessoas já ouviram falar de casas assombradas, aparições, bruxarias e desaparecimentos, seja na televisão, no cinema, em livros ou contadas por amigos ou por

ancestrais. Durante o debate, é importante discutir também se os alunos acreditam ou não nessas histórias e se há casos considerados sobrenaturais, de início, que, posteriormente, foram explicados pelas leis da razão. Após o debate, o professor deve perguntar aos alunos se eles sabem o que é uma lenda urbana e explorar o conhecimento deles acerca desse tipo de narrativa.

Ainda como parte da motivação, o professor pode assistir com os alunos um episódio do seriado de tevê “Grimm”, que aborda o tema em estudo. Os episódios da série são baseados nos contos dos irmãos Grimm, porém essas histórias são adaptadas para a vida contemporânea. No seriado, Nick é um detetive especial, descendente de uma linhagem de caçadores de criaturas conhecidas como *Wesen*. Os Grimm são seres humanos resistentes e habilidosos com aptidão para a luta, que se valem de armas antigas e medievais em suas batalhas e possuem o dom de enxergar os *Wesen*, já que esses se apresentam para os comuns mortais como seres humanos normais. Na verdade, essas criaturas são duplos que, disfarçados de humanos, podem se transformar em lobos, pássaros, dragão e bruxas. A maioria delas é altamente perigosa para os humanos, embora algumas convivam em harmonia no mundo real. Os *Wesen* não são uma invenção da série, muitas lendas, como a do “Lobo Mau” tratam desses seres sobrenaturais. O Lobo Mau seria, na verdade, um *Wesen* conhecido como *Weider Blutbad*.

Depois da etapa de motivação, o professor deverá apresentar aos alunos as obras de Prieto (2008) e Tadeu (2010, 2012), incentivando-os a manusear o livro. É interessante que o aluno explore as imagens da capa que trazem elementos sobrenaturais. A capa de “A loira do banheiro e outras histórias” estampa justamente a lenda urbana destacada no título. Uma loira, sem traços faciais definidos, que parece flutuar, carrega nas mãos um livro e está diante de uma lousa. O professor pode explorar a imagem, questionando quem seria a moça, por que não apresenta olhos, bocas e nariz, por que estaria diante de um quadro-negro e qual o motivo de estar flutuando. Também deve ser explorada a relação do desenho da capa com o título A Loira do banheiro. Quanto aos livros de Tadeu, “Lendas urbanas” e “Lendas urbanas 2”, a capa apresenta diversas imagens que suscitam elementos insólitos, como caveiras, pessoas que parecem mortas, ruas escuras e vazias, cemitérios, gatos pretos, entre outros desenhos que podem ser explorados para prever quais lendas urbanas poderiam aparecer nos livros. Os dados dos autores também podem ser abordados a partir da contracapa e das orelhas do livro de Tadeu e de Prieto.

Explorada a obra, chega o momento da leitura. Sugere-se a lenda urbana da Loira do Banheiro para iniciar o trabalho, porque além de ser bastante conhecida em todo país

(atendendo à ideia inicial de partir de um contexto familiar ao aluno), ela aparece tanto no livro de Pietro, como em um dos livros de Tadeu, o que permite uma abordagem comparativa, que pode fazer com que os alunos percebam as nuances de cada escritor e saibam que a literatura pode ser explorada de diversas formas e que uma história pode assumir diversas versões. Tanto a versão de Prieto, quanto à de Tadeu relatam o aparecimento de uma loira e fazem menção ao ambiente escolar. Prieto apresenta a lenda na voz de um divulgador editorial, de 36 anos, que ao visitar uma escola na região de Avaré, São Paulo, ouve o relato da lenda contada por um aluno, que supostamente viu a Loira do Banheiro com seus colegas. O fato de o narrador ter ouvido a lenda de alguém que vivenciou a história, garante maior credibilidade ao leitor. Além disso, o narrador afirma ter ouvido-a, posteriormente, de muitos outros estudantes em várias escolas que visitou. Ele mesmo chegou a sonhar com loiras fantasmagóricas, após tomar conhecimento da pavorosa história. Na narrativa do divulgador de livros, um garoto e mais dois colegas de classe, por brincadeira, invocaram a Loira do Banheiro, no sanitário da escola. Sussurraram a palavra loira, deram três descargas e riram, descrentes. Foram pegos pelo diretor e levaram suspensão por estarem matando aula. Ao retornarem para casa, avistaram três loiras idênticas. Espantados, correram e foram atingidos por um carro. No hospital, avistaram novamente as assustadoras figuras em um espelho. O narrador finaliza seu relato, questionando a veracidade dos fatos, porém acha melhor não subestimar o mundo sobrenatural. Tadeu dá voz a um narrador que conta a história de uma garota vaidosa que odiava estudar e vivia matando aulas no banheiro. Certo dia, enquanto passava batom, este caiu e ela, ao tentar pegá-lo, escorregou no chão molhado, bateu a cabeça e acabou morrendo. Inconformada, passou a assombrar o banheiro da escola onde estudava, assustando duas colegas que apertaram a descarga três vezes, xingando, para tentar se livrar de um cigarro que fumavam escondidas. A narrativa termina com uma advertência ao leitor de que seria bom pensar duas vezes antes de se esconder no banheiro para escapar das aulas.

A partir da leitura das duas lendas urbanas, os alunos poderiam levantar o tema de cada uma, opinar sobre qual seria a mais assustadora e o motivo de ser a mais apavorante e levantar os temas insólitos abordados. Também poderiam ser discutidas as características comuns aos contos fantásticos, conforme observa Ceserani (2006), como a presença de ambientes escuros, noturnos, tenebrosos, do além, subterrâneos; a vida dos mortos; o duplo; a aparição do estranho, do monstruoso; a passagem de limite de fronteira e o envolvimento do leitor que sente-se surpreso, aterrorizado ou voltado para o humor. É essencial que o professor funcione apenas como mediador, levantando questões e fazendo com que o aluno reflita. O educador não deve dar respostas prontas aos alunos, nem induzi-los a uma interpretação

única. O interessante é confrontar interpretações, promover debates em que os estudantes possam avançar em suas leituras e atingir a maturidade como leitores, agindo com autonomia e percebendo as entrelinhas do texto. Para verificar a interpretação, sugere-se que os alunos elaborem uma nova versão da lenda da Loira do Banheiro, criando novos personagens, narrando a história como um participante da lenda, trocando o lugar onde ocorre a narrativa. Conforme a série do aluno, lembrando que a proposta que apresentamos é mais viável no ensino fundamental II, o professor pode pedir que ilustre a história, narre-a em forma de histórias em quadrinhos, elabore um cartoon e até mesmo apresente sua produção em forma de teatro, usando marionete. Essas atividades permitem a participação da professora de artes, que pode ajudar na escolha da produção das imagens ou na confecção de marionetes. As produções dos alunos devem ser expostas, dando oportunidade de que outros a vejam, pois acredita-se que, dessa maneira, os estudantes sintam-se valorizados e que suas produções tenham uma finalidade ao serem destinadas a outros leitores e não apenas à avaliação do professor.

A checagem da interpretação é importante para que o aluno, conforme atesta Cosson (2009, p.68), “tenha oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar”.

Após a checagem, os alunos devem ler, em grupos, outras histórias dos livros de Tadeu e Prieto, escolhidas por eles. Em seguida, devem recontá-las para a turma, discutindo-as no que tange ao tema, aos personagens e às características do gênero. Os estudantes podem fazer uma votação para saber qual a melhor lenda urbana lida, justificando o motivo da escolha.

Após a interpretação, passar-se-á para a fase de expansão da leitura, definida por Cosson (2009, p. 94), como a promoção do diálogo da obra trabalhada “com os textos que a precederam ou que lhes são contemporâneos ou posteriores”. Conforme o autor acima citado,

Dentro da perspectiva do método, a expansão pode resultar de uma relação já prevista na obra, como citação direta ou indireta. São as relações com as obras que lhe são anteriores, que serviram de inspiração ou que estavam no horizonte de leitura do autor e foram por ele apropriadas e atualizadas de alguma forma naquela obra. O professor pode aproveitar essas referências para apresentar a nova obra ou incentivar os alunos a buscarem a relação intertextual. [...] A expansão pode ser também um diálogo que o leitor constrói entre duas ou mais obras. Nesse caso, tanto o professor quanto o aluno podem propor a obra segunda para que sejam buscadas as relações possíveis. (COSSON, 2009, p.94-95)

Na expansão, o gênero fantástico será resgatado. Serão trabalhados nesta etapa os contos de fadas, pertencentes ao âmbito do maravilhoso. Os alunos escolherão, para ler, uma

história dos irmãos Grimm, tema já abordado na motivação. A ideia é que se trabalhe o gênero mencionado, no âmbito interpretativo e comparativo (usando um episódio da série Grimm). Se o professor desejar, pode também usar outra série de tevê para complementar as discussões acerca do gênero maravilhoso, “*Once Upon a Time*”. De modo semelhante ao seriado “Grimm”, ela aborda os contos de fadas misturados à vida contemporânea. A proposta dos episódios é fazer uma releitura dos contos tradicionais no mundo moderno. A história é centrada nas aventuras de Branca de Neve e do Príncipe Charming que se separaram porque a Rainha Má lançou sobre eles uma maldição, acabando com o final feliz de todos os contos de fadas no dia do casamento dos dois. A malévola feiticeira transporta todos os personagens para um lugar terrível, na contemporaneidade, denominado Storybrook, onde a magia foi totalmente abolida e eles não conseguem se lembrar quem são. A única pessoa capaz de reverter o feitiço é a filha de Branca de Neve, Emma, que havia sido enviada para Boston, antes da maldição. Além de assistirem às séries, os alunos deverão ler as pequenas histórias de Roald Dahl (2007), releituras perversas dos contos de fadas “originais”. A palavra original, nesse contexto, deve ser entendida como os contos recolhidos da tradição oral, que têm sido difundidos ao longo dos anos, como os dos irmãos Grimm e os de Perrault. É interessante que os estudantes discutam os contos de fadas tradicionais e façam comparações com a forma como são relidos na contemporaneidade, tanto na literatura, quanto no meio fílmico. Também devem ser abordadas as especificidades do gênero maravilhoso, mostrando que ele se diferencia das lendas urbanas. No maravilhoso, como afirma Todorov (1992, p.60), “os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito”. O sobrenatural é algo aceito sem questionamentos, de modo natural. Obviamente não se propõe um debate teórico acerca das diferenças entre o maravilhoso e as lendas urbanas, mas que o aluno seja capaz de perceber suas características essenciais por meio das leituras que realizou. O trabalho proposto será finalizado com a produção de um conto de fadas contemporâneo, baseado em um tradicional, que deverá ser redigido em grupo.

Acredita-se que trabalhos como o proposto possam contribuir para o desenvolvimento do aluno/leitor de modo efetivo, por seu caráter diversificado, preocupação com a preparação do aluno para a leitura, interpretação e uso da intertextualidade, permitindo ao aluno a percepção de que a literatura comunica-se entre si e com outros gêneros, como as séries televisivas.

Referências Bibliográficas

- CESERANI, R. *O fantástico*. Curitiba:Ed. UFPR, 2006.
- COSSON, R. *Letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2009.
- DAHL, R. *Historinhas em versos perversos*. São Paulo: Moderna, 2007.
- HELD, J. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.
- PRIETO, H. *A Loira do Banheiro e outras histórias*. São Paulo: Ática, 2008.
- TADEU, J. *Lendas Urbanas*. São Paulo: Planeta Jovem, 2010.
- _____. *Lendas Urbanas 2*. São Paulo: Planeta Jovem, 2012.
- TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992.